

HOMILIA NAS EXÉQUIAS DO P. MANUEL AUGUSTO DA SILVA FRADE

SÉ NOVA DE COIMBRA - Leituras: Rm 14, 7-9.10c-12; Jo 12, 23-26

Caríssimos irmãos e irmãs!

A celebração da Eucaristia constitui sempre uma profissão de fé no mistério pascal de Cristo, que por nós morreu e ressuscitou, é a celebração do memorial da sua entrega ao Pai pela qual fomos salvos. Neste momento torna-se mais viva a nossa fé nesse eterno mistério de amor, porque nos confrontamos com o mistério da morte humana, o último inimigo a ser vencido, e professamos a força da ressurreição do Senhor, que nos abre as portas da vida eterna.

Pela fé celebrada e professada na Eucaristia, procuramos, apesar da nossa debilidade, entregar-nos nas mãos de Deus, conduzidos pela verdade que nos foi revelada: “Cristo morreu e ressuscitou para ser o Senhor dos mortos e dos vivos”, como ouvíamos na Epístola aos Romanos”.

À pergunta aparentemente tão complicada acerca do que é a fé e do que é ser cristão, temos, afinal, uma resposta tão simples: pertencer ao Senhor, como dizia o mesmo texto da Primeira Leitura, ou então, como nos diz a Escritura noutros lugares e por outras palavras: permanecer no Senhor, estar no Senhor.

A fé cristã é um caminho, um chamamento e uma resposta, etapa após etapa, com vitórias e derrotas, entusiasmos e quedas, mas sempre confiados na força do amor d’Aquele que nos acolhe como filhos, por meio de Jesus Cristo, o Filho Único e o nosso Irmão. Tocados pelo Seu amor misericordioso, não desfalecemos e desejamos sempre mais sentir a nossa pertença a Cristo, a ponto de podermos exclamar com palavras e com a totalidade da vida: “Se vivemos, vivemos para o Senhor, e se morremos, morremos para o Senhor. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor”.

Viver da fé consiste, por isso, em fazer caminho com esse Cristo que caminha connosco, que nos trata como amigos e como irmãos, que nos anima e encoraja, que nos perdoa e nos cura, que nos acolhe e consola, que nos escuta e nos fala, que não é um estranho, mas um confidente de todas as horas. Viver da fé é uma relação baseada no amor revelado e acolhido, é uma relação de confiança que nunca desilude porque selada com o sangue da paixão e com a glória da ressurreição.

Se estamos aqui reunidos para celebrar a Eucaristia nas exéquias deste irmão, um cristão e um homem de fé, é porque queremos dar graças a Deus pela sua disponibilidade: quis viver para o Senhor, quis morrer para o Senhor, quis pertencer ao Senhor. Demos, por isso, infinitas graças ao Senhor.

“Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dará muito fruto”.

As palavras de Jesus, transmitidas pelo Evangelho segundo S. João, manifestam a Sua atitude: entregou-se à morte e deu-nos como fruto a salvação. As mesmas palavras traçam a atitude a que somos chamados: perder a vida unidos a Ele, para que produza muito fruto.

A vida do cristão, movido pela fé, não é mais que a oferta de si mesmo ao Pai, com Cristo, em favor dos homens. Pode chamar-se seguimento de Cristo e serviço aos irmãos, mas será sempre a oferta de si mesmo mais do que daquilo que possui. E todo o cristão, a partir do batismo na água e no Espírito, recebeu o dom de se oferecer ao Pai em favor dos homens. O sacerdócio comum de todos os fiéis, participação do único sacerdócio de Cristo, dá-nos essa possibilidade de entregarmos tudo o que somos, no altar da Eucaristia e no altar da vida.

Quando é fiel e verdadeira, a vida do cristão disponível para morrer com Cristo, é, de facto, muito fecunda. Esquece-se a si mesmo para pensar nos outros, não procura conservar a vida, mas quer pô-

la ao serviço dos irmãos; não pede que o sirvam, mas serve com coração grande misericordioso; não elige como suas as vias do mundo, mas entrega-se às inspirações do Espírito.

Entre os membros do Povo de Deus, aqueles que receberam a vocação para o ministério sacerdotal, receberam ao mesmo tempo a missão de incarnar e testemunhar de forma clara o que significa ser grão de trigo lançado à terra e dar muito fruto. É dom, é graça e é missão, que não merecemos, mas que acolhemos com tremor. Louvemos o Senhor por fazer de nós, homens como todos os outros, instrumentos da sua bondade e do seu amor, servos do Evangelho, sinais visíveis da sua presença salvadora na Igreja e no mundo.

“Estou no altar, celebro a última Eucaristia”. Foram as derradeiras palavras que pude ouvir da boca do P. Frade, num sussurro de tranquilidade e de paz, que só a fé confiante no Deus amor pode dar. Respondi comovido: “Obrigado, P. Frade, pelo seu testemunho”.

A Eucaristia do altar litúrgico e a Eucaristia do altar da vida! Síntese harmoniosa da ação de graças a Deus, em tudo e sempre. Porque não nos pertencemos, pertencemos ao Senhor, porque, se vivemos, não é por nós, mas pela graça do Filho que Deus que nos amou e se entregou por nós.

Entendemos, assim, melhor a alegria, o entusiasmo, e também, por vezes, a preocupação do P. Frade relativamente a tudo o que diz respeito à sagrada liturgia e, especialmente, à música litúrgica. Quando se penetra no verdadeiro espírito da liturgia, a Eucaristia não é mais um momento isolado da semana, mas toca a totalidade da vida; não é simplesmente um rito, um encontro, um banquete, uma festa, uma assembleia, mas o memorial da morte e ressurreição de Cristo, que nos salva; não é mais uma ação sagrada, mas a ação sagrada por excelência, o cume do louvor a Deus por meio de Jesus Cristo. Quando se penetra no espírito da liturgia, a Eucaristia tem uma solenidade, uma festividade e uma espiritualidade que ultrapassam as preferências pessoais, os estilos temporais, as sensibilidades das diferentes faixas etárias. A verdadeira liturgia tem a marca irrenunciável da eclesialidade, pois é a ação de louvor que a Igreja eleva a Deus.

Obrigado, P. Frade, pelo testemunho de entrega a Deus e à sua Igreja; obrigado pelo trabalho persistente e fiel ao serviço da liturgia celebrada e vivida, e, especialmente, ao serviço da música litúrgica como sua parte integrante, segundo o materno e sábio ensino da Igreja.

Dos muitos desafios que nos deixa, destaco dois: primeiro o de nos entregarmos confiadamente ao Senhor, para Lhe pertencermos, sacerdotes, consagrados e leigos, pois a nossa pertença ao Senhor na fidelidade e na alegria são meios privilegiados de pastoral vocacional; segundo, o de investirmos muito na renovação da liturgia, para que sejam um só o culto do altar e o da vida, com especial incidência na renovação da música litúrgica, para que corresponda aos critérios definidos pela Igreja no que toca à qualidade, ao estilo, à linguagem, à espiritualidade, ao momento celebrativo...

Cantadas as misericórdias do Senhor na liturgia terrestre, que o Senhor te acolha para as cantares eternamente na liturgia celeste; pertenceste ao Senhor na vida, que o Senhor te dê a graça de Lhe pertenceres também na morte. Amen.

Coimbra, 4 de fevereiro de 2017

Virgílio do Nascimento Antunes, Bispo de Coimbra